



SR.ª D. LUIZA DE CASTRO FERREIRA, distinta amadora de musica
(Clôché da Fot. Brazil)

II Série—N.º 414

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 26 de Janeiro de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colónias portuguezas e Hespanha:

Redacção, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1800 cent. Semestre..... 2840 cent.
 Ano..... 4980 cent. Numero avulso, 10 cent.



Electro-maçagem dos seios com disco de metal e ficha de transmissão

“ZODIAC”

APARELHO DE ELETRO-MAÇAGEM

O aparelho mais simples, mais racional, inventado até hoje para a aplicação da electricidade ao tratamento terapeutico

Resolve o problema da maçagem electrica, previne e faz desaparecer rugas, «pés de galinha», «papos», renova e conserva a firmeza da garganta e a beleza do peito.

Cura certas doenças:

- Nevralgias; Reumatismos;
- Sciatica; Lumbago;
- Gota; Perturbações nervosas; Acné;
- Dartros;
- Eczema; Dóres de estomago.

O “ZODIAC”

cria a sua propria electricidade, pode servir durante uma vida a uma familia inteira.

Preço do aparelho com todos os accessorios e porte: 12 escudos.

Dirigir os pedidos ao representante exclusivo para a venda em Portugal:

Mr. de Smedt, 26, rue Norvins, Paris

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19
BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Ambrose, e Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lo-a. — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 2500 e 50000rs.

Sabonete preparado com os saes das Aguas



de **Laizella**

o melhor para a pelle



Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello **Viteri**

Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspense a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. Regenera a córr primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondeados. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis** Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. **Deposito geral**

VICENTE RIBEIRO & C.ª — 84, R. Fanquelros, 1.ª — LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

26-1-1914

N.º 414

A grêve do silencio

São, evidentemente, duas grandes epidemias: o sufragismo e o tango. Enquanto o clero da Europa, seguindo o exemplo do cardeal Amette em Paris e do cardeal vigário



Pamphili em Roma, move uma guerra de morte ao tango argentino, as sufragistas continuam, na Inglaterra, a bater o *record* do escândalo. Miss Sofia Pankhurst, que acaba de passar uma semana no carcere de Holloway, teve de ser posta em liberdade, por ser inteiramente impossível, de perigo de vida, mantela na prisão. Enquanto esteve presa, a filha da celebre geral dos sufragistas fez a grêve da fome,—não comeu; fez a grêve do sono,—não dormiu; fez a grêve da sede,—não bebeu; e, o que é verdadeiramente admirável tratando-se d'uma mulher, fez a grêve do silencio,—não falou. Uma mulher que não fala durante oito dias! Quando li a noticia no *Sunday Times*, horrisei-me. Não de pensar no que miss Sofia deixou de dizer enquanto esteve presa; mas no que miss Sofia teria dito depois de ser posta em liberdade.

Atletica

Ha dias, um pobre homem encontrou a mulher em flagrante delicto de adultério com um aprendiz de farmacia. Esfaqueou-o? Perseguiu-o a tiro? Não. Fechou a porta e deu-lhe sumariamente uma sova. Não houve nenhum que não aplaudisse a moderação e a humanidade do marido, que soubêra desafrontar a



sua honra sem derramar uma gota de sangue. O peor é que a sova foi aplicada com tanta convicção e com tão bons musculos,—que o farmacêutico morreu. Modificou-se a opinião publica? De modo nenhum. As simpatias continuaram a acompanhar o assassino. Toda a gente concordou que a culpa de mor-

rer tinha sido exclusivamente do morto, que ninguém que se prêse morre por ter levado uma sova,—e o homem está na plena posse da sua liberdade, d'aqui a algum tempo, segundo toda a logica humana, na plena posse da propria mulher. — Moralidade: ninguém deve casar-se sem ter aprendido o *ju jutsu*.

O boato

A ameaça da grêve geral e as dificuldades da situação politica provenientes da incompatibilidade existente entre o governo e a vice-presidencia do Senado, foram, nos ultimos dias, a *Mère Gigogne* do boato. Em geral, o boato nunca se confirma; mas incomoda. Ninguém o acredita; mas todos o es-



DIZ-SE...

CONSTA...

cutam. Como é impessoal, tem todas as vantagens de irresponsabilidade. Como ninguém o perfilha, toda a gente o repete. É um irmão gêmeo da carta anonima. Vive para prejudicar, para intrigar, para difamar. Rubinstein disse que a calunia devia ser punida como o assassinio. O boato deve ser punido como o furto.

Literatura

Começam a anunciar-se, para a primavera, os livros novos. Alberto Monsaraz, o ilustre poeta, fará brevemente publicar o livro postumo de seu pae, o grande lirico da *Musa Alentejana* e meu saudoso amigo, conde de Monsaraz. Intitula-se *Lira d'Outono*. É uma



maravilha de emoção, aberta no mais puro ouro da lingua portugueza. Antero de Figueiredo, que tem no prelo a segunda edição do seu admiravel livro *D. Pedro e D. Inez*, esgotado em tres mezes, prepara um estudo sobre Leonor Teles, larga pintura a fresco da vida da mulher portugueza do seculo xv.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

O DEVER



Toda a gente invejava a felicidade d'aquela casal.

Ele um apumado e simpatico alferes do regimento de infantaria que formava a pequena guarnição da vila, ela uma esbelta loira d'olhos verdes e perfil soberano.

Vivia o lindo pár nos arrabaldes da vila, logo á beira da estrada, n'um pitoresco chálésinho que, emergindo cõr de rosa, de uma espessa moita de madresilvas, dominava, cá muito do alto, o amplissimo vale que, lá em baixo, se estendia uber-rimo, entre ciclopicas montanhas, em cujas vertentes, alvejava, aos magotes, o branco casario das aldeias.

Rui de Mendonça, o esperançoso official não era n'aquella vila um desconhecido a quem as contingencias de uma simples transferencia de regimento, para ali houvesse levado. Toda a gente da vila o conhecia desde rapazinho, por isso que, filho de um abastado lavrador rural das imediações d'aquella terra, ali viera estudar durante seis longos anos o seu curso de liceu.

Maria Luiza, sua mulher, era filha do juiz de direito da comarca, e muito conhecida, portanto, n'aquella vila, onde, em solteira, as familias da sociedade lhe chamavam a *menina dos olhos de ouro*.

Quanto ao conhecimento que entre os dois se fez, a coisa não podera ser mais simples:

Maria Luiza e Rui haviam-se encontrado um dia sentados ao lado um do outro, dentro de uma ampla sala escolar, onde algumas dezenas de alunos, de caderno á frente, estavam sendo submetidos a não sei que exame, cujo ponto parecia haver embaraço extraordinariamente Maria Luiza.

Tendo-o percebido, valera Rui á sua linda colega, passando-lhe ousadamente uma cabula que Maria Luiza aceitou, com um breve sorriso de reconhecimento.

Cá fóra conversaram ainda demoradamente sobre o caso, reiterando-lhe ela os seus agradecimentos, o papá juiz tambem agradeceu, ficando Rui a cortejar respeitosa e o velho e a sorrir para a pequena a quem sempre procurava vêr, na sua passagem para as aulas.

Maria Luiza aparecia-lhe, pontual, á janela da sua casa, e assim foram andando, até que, de simples olhadelas, se convertêra o namorico n'uma

cõrte assidua, com a concessão de entrevistas, em que eles se declararam o mais terno e sentido amor.

Rui e Maria Luiza adoravam-se, e taes garantias oferecêra, desde logo, a sua paixão, que, resistindo á propria ausencia de Rui, ela se conservou purissima e integral, até ao momento em que, felicissimos, os dois amantes, se davam emfim as suas mãos de esposos, quando Rui, havendo terminado um brilhante curso militar, se apresentava orgulhoso, no regimento, com o seu primeiro galão de official.

Era um gosto vêr como os dias lhes iam decorrendo venturosos, n'aquella cazuinha que parecia haver sido feita para eles, quasi sósinha, entre flôres, com o seu joven pomar de laranjeiras e o seu hortosinho, de luxuriantes culturas que o proprio Rui desveladamente amanhava, sob a proficiente direção de *Zé Maria*, o seu dedicado impedido.

Livre das suas lides domesticas, não largava Maria Luiza seu marido, indo sentar-se junto d'ele, bordando ou fazendo *crochet*, quer o alferes se encontrasse no seu escritorio compulsando os regulamentos, ou, em mangas de camisa e de sacho em punho, ele se entretivesse no quintal. Apenas os separavam, por algumas horas, desde as onze até ao toque da *ordem*, o serviço que diariamente Rui era obrigado a prestar no quartel do seu regimento; mas, ainda assim, não raro que os recrutados do seu pelotão, tambõr á frente, eram por ele conduzidos para qualquer local de exercicio, em que forçosa se lhe tornasse a passagem por sob as janelas de sua casa.

Depois do jantar, eles ahi iam ambos, estrada acima, pelo braço um do outro, e muito chegadinhos, a caminho da vila, onde os paes de Maria Luiza os esperavam, sempre que, a um tão grato passeio não viesse opôr-se alguma noite tempestuosa.

Dez mezes haviam decorrido de uma deliciosa *lua de mel*, quando Maria Luiza, dando á luz uma linda menina, abriu, para o ditoso casal novos horizontes de felicidade.

Quem, dentre os leitores, haverá que, ao sen-



tir, por vez, primeira, palpitar em seus braços, o pequenino ser da sua progenitura, não experimentou uma avassaladora impressão, que logo agita, e, por assim dizer, desperta toda a ternura da sua alma?

Dotado de uma rara sensibilidade moral, experimentara Rui essa impressão que n'ele tivera o maximo da intensidade; e sem prejuizo da sua felicidade conjugal, todos os seus carinhos deriva-

ram então, como por encanto, para essa querida miniatura humana, em que se fracionára a sua alma, e que era o fruto do seu grande amor a Maria Luiza.

Esta convertera-se, pela sua vez, n'uma adoravel mamã, cujas encantadoras virtudes, sob este novo aspecto, se poderiam considerar verdadeiramente dignas da sua exemplar dedicação, como esposa.

N'estas propicias circunstancias, vinham os dois esposos criando aquela filhinha que, constituindo todo o seu enlêvo, eles acompanhavam nos minimos incidentes da sua preciosa existencia.

A Mariasinha era tudo n'aquella casa: O rompimento de um primeiro dente; o balbuciar de alguma silaba a que logo eles attribuiam as proporções de um vocabulo; os primeiros passos, indecisos e cambaliantes, em que eles a amparavam; tudo isso constituia, para Rui e Maria Luiza, uma serie de notaveis acontecimentos que a ternura dos seus corações ia ávidamente registando, dia a dia.

Certa manhã, porém, regressando o alferes a sua casa, após um dia de inspecção ao quartel da sua unidade, notou, com desgosto, que sua mulher lhe não appareára a receber-lo, no alto da escada, como sempre costumava fazer.

—Que a menina passára muito mal a noite—informára o Zé Maria, tomando a espada que o alferes lhe entregava.

—Mas o que tem?—inquirira Rui, sobremodo inquieto.

—Pelo que ouvi, ha um migalho á creada, aqui-lão de ser *bichas*. . . até já fui chamar a t'Ana Forneira, p'ra lh'as vir talhar.

—Ora, que tollice!..

E dirigia-se para os seus aposentos, quando Maria Luiza, saindo, apressadamente, lhe embargava o passo.

—Não entres, por ora...—pedira ela.

—Ora essa!.. Pois não hei-de ir vêr a nossa filha?... Tu assustas-me! Como está ela? dize...

—Melhores; mas espera, tem calma! que vamos já vê-la. Deixa que a Ana conclua o que lhe está fazendo...—pediu Maria Luiza, esboçando, a custo, um envergonhado sorriso.—Foi o que lhe fez bem, podes crêr.

—Ora, ora, parece impossivel!.. Uma mulher inteligente e culta, acreditar em semelhantes patranhas! Mas, enfim, o que eu quero é ir vêr a pequena, e a mulhersinha que talhe lá as bichas á sua vontade.

E entraram nos seus aposentos onde a t'Ana Forneira, uma alentada sexagenaria, sem se preocupar com a chegada do alferes, ia esfregando um dente de alho nas fontes e pulsos da inocente, ao mesmo tempo que dizia:

Bichas malditas,
Malditas sejaes,
Dentro em tres dias,
Delidas sejaes.

Fez, por ultimo, varias cruces sobre o ventre da pequena com um ramo de artemisia, e dando por findos os seus serviços, despedia-se respeitosa-mente, vaticinando um dia absolutamente tranquillo para a doentinha.

—Que muita gente não queria acreditar n'aquellas mésinhas—declarára, saindo—mas que os seus feitos ali os deixava á vista de Deus e de todo o mundo...

Após a retirada da forneira quiz Rui saber como a Mariasinha havia estado; sua mulher contára-lhe então que a pequena havia passado uma noite horrivel, em convulsões tão fortes e continuadas, que, por muito tempo, lhe conservaram a carinha desfigurada. Que tambem espumára muito, e que o seu coraçãozinho lhe batia com imensa força, porém irregular, até ao ponto de, por vezes, lhe parecer estar parado. Que fóra um horror aquella noite, não o tendo, de mais a mais, a ele ali, para lhe dar coragem; mas que, felizmente, o incomodo não passára de um vulgarissimo ataque de vermes, embora inteiramente semelhante aos que costumavam dar a sua mãe.

A pobre Mariasinha conservava-se, porém, extremamente pallida, o que decidira o alferes a mandar chamar o medico, o qual se apressou em declarar que nada de positivo poderia diagnosticar, sobre o caso, porquanto não presenciára a crise nervosa que lhe havia sido descrita, e que, de facto, poderia ser provocada pela existencia de vermes intestinaes.

N'uma conversa que, dias depois, teve com o alferes, deixou o mesmo clinico transparecer a suspeita de que porventura se tratasse de um caso de *epilepsia*, a que a menina poderia considerar-se ativamente propensa, pela circumstancia de sua avó materna padecer tambem da mesma enfermidade.

A verdade, porém, é que a Mariasinha recuperára logo a sua anterior saude e alegre disposição, circumstancias estas que, do preocupado espirito de Rui varreram então, por completo, toda a ideia de uma grave doença que ele chegára a attribuir á sua filhinha.

O proprio medico a achava agora ótima.

Assim parecêrta quererem voltar para os dois esposos os dias felizes que, só transitariamente,

vieram interceptar as suas tristes apreensões pela saúde da pequena; mas um novo desgosto veio surpreender-lhes a recomeçada felicidade.

Os jornaes noticiavam então a rebelião de certa tribu gentilica da nossa costa de Moçambique, para onde se presumia que, de um momento para o outro, fosse destacada uma forte expedição militar.

— Bom dia, meu alferes — fizera certa manhã o Zé Maria, ao encontrar-se com o patrão.

— Bom dia, rapaz. Alguma novidade?

— Saberá *rossoria* que sim, meu alferes: parece que o nosso batalhão vaie embarcar para a Africa...

— Quem t'o disse?

— É que, lá no quartel, é já tudo cheio; e eu, se *rossoria* marchar, ainda que seja para o cabo do mundo, quero ir tambem, se fór da vontade de *rossoria*, já se deixa vêr. Um *hóme*, em morrendo, é de uma vez, e tanto me monta a mim largar a pele aqui, como nas profundas dos infernos.

— Pois iremos, sim... mas não digas, por emquanto, nada á senhora.

de seus sogros, junto dos quaes ficaria Maria Luiza e a pequena. Na sua casinha não mexeram: limitaram-se a fechal-a, deixando-a ficar assim, cheia de recordações, muito triste e silenciosa, lá fóra á beira da estrada.

* * *

Chegára, emfim, o dia fixado para a partida da expedição, cuja formatura deveria ter lugar de madrugada.

Era noite ainda quando Rui se levantou, tendo de fazer a sua *toilette* de marcha, á luz de um candieiro.

Sua mulher olhava-o, silenciosa, através de um verdadeiro diluio de lagrimas. Apenas alguns breves monossilabos se trocavam, a espaços, entre os dois esposos.

Vinha rompendo a madrugada, e pelas ruas da vila havia já um movimento desusado de forasteiros que vinham, de certo, assistir á partida da expedição.



Só no dia seguinte conseguira Rui dar conhecimento a sua mulher da partida da expedição.

— E tu, meu querido Rui, assim te sentes com coragem de nos deixar?! inquiriu Maria Luiza, de cujos olhos se desprenderam duas grossas lagrimas.

— Sim meu amor. Os meus deveres militares, Maria Luiza, a minha honra, sabes tu? impoem-me este incomensuravel sacrificio! — declarou Rui, deixando-se cair nos braços de sua mulher, com cujas lagrimas as suas se confundiram por alguns momentos.

— E' o dever... De resto, eu espero que me darei bem: posseo a necessaria resistencia para arrostar com as inclemencias de um mau clima, assim como suportarei as fadigas de uma campanha. Nada receis. Tu tambem não és doente — acrescentára — e a nossa filhinha, cuja saude chegou a inspirar-nos tão sérios cuidados, passa agora o melhor que é possível. Não ha remedio: marcharei, para bem de todos nós. E' o dever quem me ordena que vá.

Apenas decidida a sua partida para Moçambique, transferira-se Rui com sua familia para casa

No quartel de infantaria soáram, plangentes, as primeiras notas da alvorada, não devendo tardar a seguir-se-lhe o primeiro toque para a formatura do batalhão.

Era preciso não demorar; e Rui, tomando um simples café que uma creada lhe viera servir, resolver então iniciar as despedidas.

Começaria pela filhinha, a quem apenas daria um beijo que a não acordasse. Em bicos de pés, entrou, pois, n'uma pequena alcova, onde dormia a Mariasinha; mas, a breve trecho, aquele pobre pae soltava, aflito, uma dolorosa exclamação, chamando em altos gritos:

— Maria Luiza! acudam todos! Um medico, chamem já um medico.

Sobre o seu leitosinho, debatia-se, em horribéis convulsões, a inocente Mariasinha, por effeito de um segundo ataque nervoso, em que ao desventurado pae não foi difficil reconhecer a epilepsia.

Entretanto soava no quartel de infantaria o primeiro toque para a formatura do batalhão; e, para logo, Rui, tendo beijado demoradamente o rosto de sua filha, precipitava-se então nos braços de Maria Luiza, aconselhando, n'um soluço:

— Coragem!... E' o dever quem me faz partir!... Adeus!...

Foz do Douro.

ALEXANDRE MALHEIRO.

O NEVOEIRO EM LISBOA



Na praça de Camões ao meio dia: Uma banda regimental furando na neblina

Lisboa durante uns dias teve um as-
pêto que não é muito vulgar. Esteve
envolta n'uma neblina cerrada. Ao
amanhecer as luzes da iluminação pu-
blica mal se distinguiam sendo como
pontos vagos na bruma espessa. A ci-
dade alegre que desperta quasi sempre
para o riso d'oiro do sol afogava-se

n'essa camada pardacenta que mal dei-
xava distinguir os transeuntes. Com o
avancar do dia a neblina dissipava-se
um pouco, cobrindo todavia uma humi-
dade regelante para á noite novamen-
te descerem os nevoeiros grossos que
fazia o lisboeta exclamar : Lisboa pare-
ce Londres.



S. Pedro d'Alcantara nas brumas.—(«Clichés» Benolle)

Os últimos desenhos de Antonio Carneiro

Ha muito que a *Ilustração Portuguesa* procurava o ensino de poder publicar, mediante a imprescindível autorisação, alguns dos retratos do grande artista Antonio Carneiro, reali-

enviou, da sua casa de Leça, á beira-mar, a palavra amavel do seu consentimento na publicação das reproduções de varios d'esses deliciosos trabalhos do lapis, acrescentando sempre, «visto ser muito melhor», que fossemos.



Cabeça d'anjo



A sr.^a ministra d'Austria



Mdame A. Machado

por nossa vez, tanto quanto possível parcos nos adjectivos de referencias ao seu «muito intimo e singelo trabalho».

Aqui e ali, em casas em que excepcionalmente, nos tem sido dada a honra de entrar, temos tido a felicidade de ver, com a serenidade que eles impõem,

nhosamente, um motivo de grande interesse. Razão tinha, pois, este *magazine* em insistir, por intermedio de amigos do talentoso pintor, na autorisação generosa de poderem ser reproduzidos nas suas paginas alguns d'esses trabalhos sobremaneira notaveis. E só agora — que não é tarde — o espirito encantadoramente gentil do autor da *Ceia*, por motivo da insistencia com que resolvemos rogar-lhe a grande fineza, nos

sados depois da sua sensacional exposição em Lisboa, pelos fins de 1911.

Antonio Carneiro é extremamente admirado, entre a *élite* intelectual e elegante se não em todo o paiz, pelo menos no grande meio de Lisboa. Aqui, um desenho d'esse artista, por muito ligeiro que ele seja, é sempre uma razão de prazer; sempre, e cari-



O sr. Eduardo Burnay

O sr. dr. Vicente Arnoso



Doce avózinha

alguns dos desenhos d'esse que é, em Portugal, o primeiro dos artistas do genero; e como a sensibilidade do creador magnifico imprima no nosso espirito, dia a dia, de desenho para desenho, um maior e mais completo poder de suggestão, temos pensado, com extraordinario contentamento, como é feliz um povo que pode criar, mesmo dentro dos periodos menos propensos ao desenvolvimento artistico, um trabalhador fecundo e admiravel como a individualidade de que vimos tendo a honra de nos occuparmos.

Antonio Carneiro pertence á categoria excepcional dos artistas do pincel e do lapis, cujas faculdades tecnicas, por maiores que elas sejam, não vencem, de modo algum, as suas notaveis faculdades intellectuaes. O pensador e o

pintor moldam-se na mesma alma serenissima, cuja vida de creação e realisacão expressa todo um ritmo transparente de encantadora nobreza, harmonia, carinho e espiritalidade. Pode dizer-se: o pensador orienta, ritmicamente, o realisador. E' d'esse modo que a sua Obra nos consegue dar, sem movimentos de impulsão ou aspereza, a visão nitida da alta hora de ternura e inspiração alcançada por este maravilhoso poeta do lapis.

Dos ultimos retratos de Antonio Carneiro nenhum temos a preferir; mas é certo, tambem, que nos é totalmente impossivel fazer a cada um d'eles, como seria nosso prazer, as referencias de admiracão que todos eles nos merecem.

Todos são belos, em verdade; todos são supe-

riormente realisados. Lembram-nos agora, num momento ligeiro de rememoração, quantos d'eles?

Ao acaso: os que existem na casa dos senhores Condes de Burnay, na legação da Austria em Lisboa, na residencia da familia Arnoso, e o delicioso retrato de Madame Dias Guimarães. Depois, o do grande pintor Columbano Bordalo Pinheiro, que é excepcional de leveza e expressão, e sobre o qual ele proprio nos dissera ha pouco, por uma visita

de atelier, estas significativas e justas palavras:

—Ahi o tem. Ninguem desenhava melhor! E por ultimo — visto ser restrito o espaço de que dispomos — os retratos dos escritores Carlos Malheiro Dias, Visconde de Vila-Moura, D. João de Castro, dr. Afonso Lopes Vieira, dr. Augusto Gil, Alfredo Guimarães, dr. Manuel Monteiro, dr. João de Barros, Paulo Barreto (João do Rio) e dr. Vicente Arnoso.

Mas a mais excelsa das obras de Antonio Carneiro — de todas quantas o nobre artista até hoje realisou — é a sua enorme visão do Cristo, expressa n'uma cabeça de assombroso vigor e iluminação.

N'essa figura humanissima e todavia ascendente, não se distingue apenas, restritamente marcado, o modelo classico de uma determinada pessoa, iniciadora, na terra, do desenvolvimento de uma determinada doutrina.

Essa *facie* tem o relevo que marcam os embates das grandes tempestades do espirito; a serenidade com que se expressa, no coração humano, a ciencia amarga dos pequenos e grandes destinos; e, simultaneamente, a piedade, o afago tépido e cristão, o sulco esfumado e profundo onde as almas doces lerão, como em expressão alguma, a mais alta palavra da ter-

nura. Olhar e alma condensam-se, na amarissima figura divina; e para alem da execucao cuidada, religiosa do desenho — como é belo! — os horizontes que essa energia espirital distingue, a massa psyquica sobre que vibra e transparece, o claro e forte poder intellectual com que se fixa em sua levisima e todavia profunda essencia de eternidade! O momento da realisacão d'essa fis ionomia foi alguma coisa de extra-humano na alma do grande artista.



Um sorriso bonito



Sr. D. João de Castro



Sr. dr. Fernando Matos Chaves



Sr. Alfredo Guimarães



Sr. dr. Manuel Monteiro



1. Sr. José Coelho da Cunha

Ninho d'Amôr

Eu tive um ninho de amôr
Muito acochegado e eterno:
Era só o seu calor
Que me aquecia no inverno.

E esse ninho que era meu,
Que era nosso, de nós dois,
Ai! se o destino m'o deu,
Para que o tirou depois?

Prendiam-nos tais enleios,
Eram tão fortes os laços,
Que eu dormia nos seus seios
E ela apertada em meus braços.

Era tudo luz e paz,
Alegria, amôr, bondade.
Como tudo se desfaz
Para deixar a saudade!

Ela era linda, tão linda
Que outra não vi como ela!
Mas a sua alma era ainda
Mais bela, muito mais bela!

Mas como a nortada forte
Que assobia nos caminhos,
Que traz a fome e a morte
E desfaz todos os ninhos,

Veio o tufão do destino,
Cruel, terrível, sem dó,
E aquele ninho franzino
Levou-m'o e deixou-me só.

Agora chega o inverno,
E eu já não tenho o calor
Dêsse meu ninho de amôr
Tão acochegado terno!

Esta primorosa poesia é extraída do
novo livro «Cancões da Terra!»

LYVARE

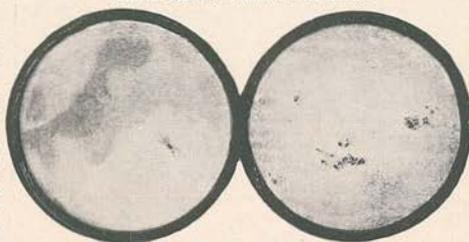
O Fim do Mundo

O homem procura sempre motivos d'inquietações. Que se lhe devia importar o seu fim?! Sabendo que tem um o homem devia ser estoico. Pois não o é. Não só se preocupa com a morte mas procura, desde que ha mundo, saber quando ele acaba. A eterna, a indestrutivel curiosidade humana! No ano mil os ricos despojaram-se dos seus bens julgando que a **bola infima**, o mundo, o mais reles dos planetas, ia estourar. Hoje ansiosamente interrogam-se os astrologos que vão fazendo sempre as suas previsões. Eis o que um d'elles sente:

«Podê-se afirmar que outr'ora a terra não existiu e que no futuro a humanidade desaparecerá do grão d'areia de que disputa as parcelas».



Mancha solar de fundo avermelhado.



2. Aspetto do sol e das suas manchas — 3. O sol e um dos seus corpusculos.

Mas como?! Como sucederá isso? Pergunta-se ansiosamente.

Ha dias os habitantes da Touraine vendo estalar um bolido imaginaram que o mundo ia acabar. Sempre que eles passam nos ares e veem encravar-se na terra a idéa do poder desconhecido, da força misteriosa que existe nas inacessíveis regiões do Alem surge eo medo do fim apossa-se da humanidade. Succedeu isso agora na Touraine, ha pouco no Mexico, em New-York, e Hespanha.

Não será, porém, assim — segundo o astrônomo — que o mundo acabará.



Grossas nuvens de tormenta aglomerar-se-hiam sobre a terra.

Então como?!... Pelo resfriamento do sol, do sol que dá luz, vida, alegria, fonte das existências!

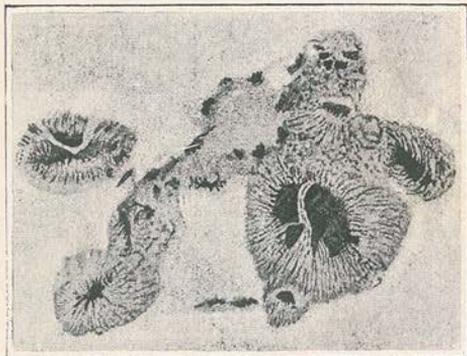
O sol não é mais que um aglomerado de gazes quentes um milhão e trezentas mil vezes maior do que a terra com a temperatura oscilante de sete a dez mil graus.

Dia a dia o sol perde o seu calor; arrefece. Como um velho começa a deperecer; como um contaminado começa a ter chagas; as suas manchas. Fatalmente ha-de chegar um dia em que arrefecerá de todo e será a morte do mundo na obscuridade e no frio.

Isto não é um impossível. Rolam nos espaços milhões de soes extintos. Todo o astro, nasce, vive e morre. Res-



Mancha do sol.



As grandes manchas do sol

cerão dos seus flancos inundações; depois as aguas gelarão e a Russia e a Scandinavia serão amortalhadas n'um lençol de neve que as irá soterrando sempre até que das catedraes não se veja mais que as pontas dos zimbórios; a Alemanha, a França, a Hespanha, Portugal sofrerão o mesmo depois.

O genio do homem andou a crear maravilhas, a tirar grandes forças do calor para que tudo morra a tiritar.

Nos mares, planices sem fim de gelos, as grandes unidades navaes ficarão presas; primeiro no norte, depois por toda a parte as aguas irão lentamente congelando.

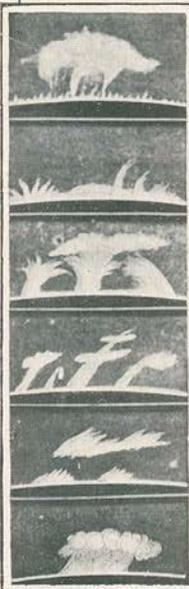
Os poderosos navios que a hu-

ta fixar a data d'esse fim fatal. Imagina-se fracamente o que isso será. O sol cobrir-se-ha pouco a pouco de mais manchas, extensas, horríveis como feridas fundas e a temperatura média da terra começará a ressentir-se. Virão os frios horríveis, os gelos começarão a invadir tudo e a vegetação, primeiro nos paizes setentrionaes depois nos outros, perderá uma grande parte da sua vitalidade e jámais amadurecerão os trigos e as frutas. Isto será o começo de uma emigração em massa para as regiões equatorias que não poderão comportar toda essa gente.

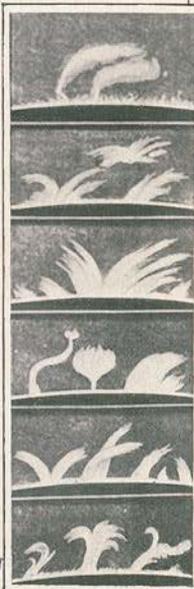
Será a era das guerras, da luta pelo cantinho ainda quente como uma rixa de mendigos em torno d'uma lareira a apagar-se.

Mas isso pouco durará porque dentro em pouco os homenes terão que lançar fogo ás florestas moribundas para se aquecerem na sua irradiação; os animaes selvagens correrão loucos de frio, regelados sob as suas peles, como os ursos e os lobos das montanhas descem aos povoados quando a invernia aperta nos pincaros das serranias. Quererão também a sua parte de calor e atacarão aos milhões a humanidade já dividida, já dilacerada. O mundo será então bem pequeno. Naturalmente tudo se aglomerará no equador. O resto será já desolação; será como um moribundo a que arrefecem as extremidades.

Nuvens grossas de gelos passarão nos ares soterrando a terra. Primeiro as montanhas des-



As chamas do sol



As chamas do sol



Todas as arvores se cobriram de flocos



Outra mancha do sol

manidade inventou para destruir não serão mais do que paralticos diante do poder misterioso da natureza. A disciplina quebrar-se-ha

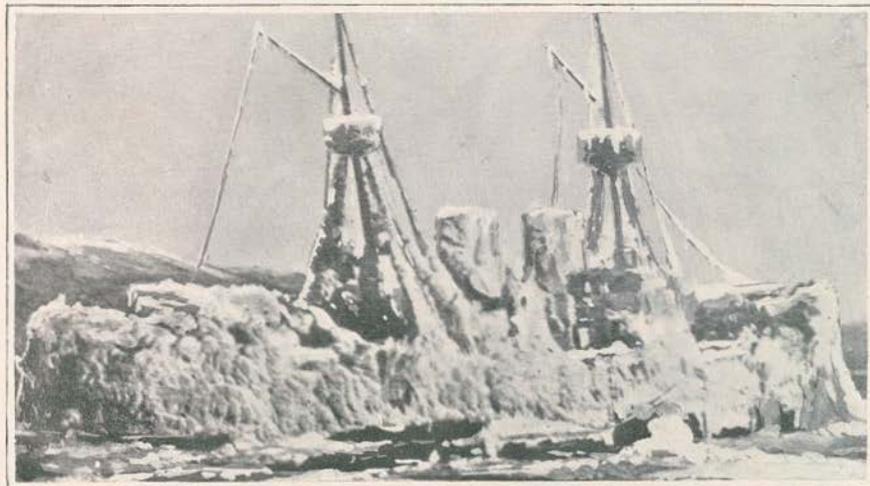
diante dos rigores e as classes confundidas correrão sempre para o Equador, pequeno para as conter e onde o terror crescerá á medida que se veja o sol ir desmaiando lentamente.

O mundo inteiro será então um lençol de neve eterna. A fome chegará porque sem luz não ha produção e imagine-se então a loucura apossando-se de todos, os homens confundidos, descidos á animalidade, como no ano de mil, querendo ter todos os gosos durante aquelas horas e não podendo ter nenhuns. Os proprios beijos serão gelados como dados em frios marmores de sepulcros.

Assim amontoados homens e feras, n'uma amalgama louca, tudo soterrado, menos n'um canto, as egrejas onde se ergueu o nome de Deus, as fabricas onde tantas vidas se corroeram, os quartéis onde tantas glorias se sonharam, as bibliotecas onde tanto saber se acumulou, n'essa hora o homem a desmaiar de frio terá expiado as suas culpas de ambições e odios.

Posta assim essa terrível, essa estranha visão de gente a debater-se n'um canto da terra sepulcro de milhões de seres e de riquezas sem par. de vivos a disputarem o ultimo calor d'um sol que vae morrer, resta saber quando chegará essa hora.

As respirações suspendem-se; os olhos abrem-se para as palavras do sabio astronomo que atirou ao mundo a nova, lan-



Os mares gelariam e n'eles os couraçados ficariam recortados na neve



O que a fantasia dos nossos antepassados via no sol. Cervos armados vistos no céu em 19 julho de 1556.

Segundo a teoria mecânica do calor os astrónomos do ano 4000 da nossa era poderão notar que o sol é um pouco menor. Atualmente tem 1.390.447 quilómetros de diâmetro. D'aquí a sete milhões de anos o sol ainda rairá mas o seu disco aparecerá aos homens quatro vezes menor que o atual.

Dentro em algumas dezenas de milhões d'anos esse astro brilhante de hoje será negro, mas não deixará de correr na imensidade.

Dos outros planetas se por lá existem astrónomos, dirão:

Aquilo foi o sol... Aque-la bola miúda a terra... Coitada... Tanto se aqueceu em disputas, em lutas, em forjas, em dinâmite, em rádio—oh! paradoxo—que morreu gelada.

O astrónomo de Bourges dá-nos ainda mais alguns milhões d'anos. Que o homem socegue e não o interroge mais.

Ele porém, já que o inquietaram, quer como um medico consultado, dizer o que se lhe figura.

cada do observatorio de Bourges. O abade Moreux que nos dá o pretexto da terrificante visão, declara:

«Se o nosso globo morrer da sua morte natural finar-se-ha pelo frio. Ha porém outros perigos

que ameaçam a humanidade inteira, a terra, o mundo».

A colera, a peste, a guerra?! Que é isto tudo comparado com o que diz o abade Moreux de Bourges?

«Na sua volta sem treguas que a terra dá com a velocidade de 29 quilómetros por

segundão não encontrará um dia o núcleo d'um cometa?! N'esse dia a humanidade aterrorizada assistirá a espetáculos pavorosos, a prelúdios espantosos d'uma agonia terrível. E quem poderá garantir que isso não se dará dentro em alguns anos apenas?! Ha ainda outro acidente possível. O sol leva consigo nos espaços todo um sequito

de planetas. A terra corre para a constelação da Lira com uma velocidade trinta vezes maior que um obuz ao sair da boca d'um canhão. N'essa grande viagem inter-sideral, começada ha cem milhões d'anos não irá o nosso sol chocar-se com alguma estrela, sol negro ou incandes-



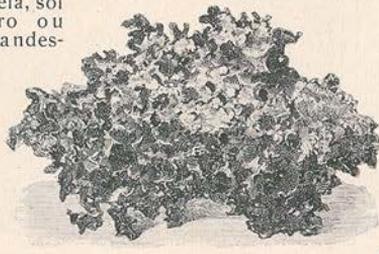
O que a fantasia dos nossos antepassados via no sol. O sol atravessado por um laivo sangrento e por cavaleiros em 11 de Junho de 1559.



As arvores pareceriam talhadas em pedra, sob a neve grossa, lembrando avejões.



Uranolito caído em 7 de Julho de 1775 em Vals (Hispanha)



Aerolito caído em Texas



cente?! O facto não seria novo.

Ha mais de vinte casos com outros planetas desde que a humanidade olha as abobodas estreladas.

Sem duvida que em vista da imensidade que nos rodeia, taes encontros parecem improva-
veis e temos tido a «sorte» de andarmos nos espaços muito tempo sem encontrarmos obstaculos mas todos sabem o que quer dizer a palavra «sorte».



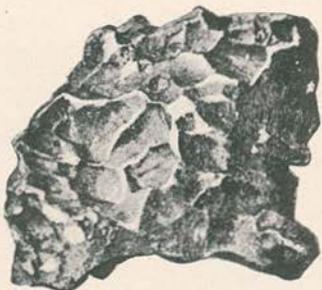
Um só acontecimento d'este genero bastaria não para destruir o sol mas para aumentar o seu calor em taes proporções que o globo transformar-se-hia n'uma fornalha ardente, exactamente como na hora em que a terra, montão de lava, nasceu.»

Ficamos assim collocados entre Scylla e Caribides. O mundo pôde acabar ou pelo frio ou pelo calor. Não se dirá ao menos que não ha para todos os paladares.



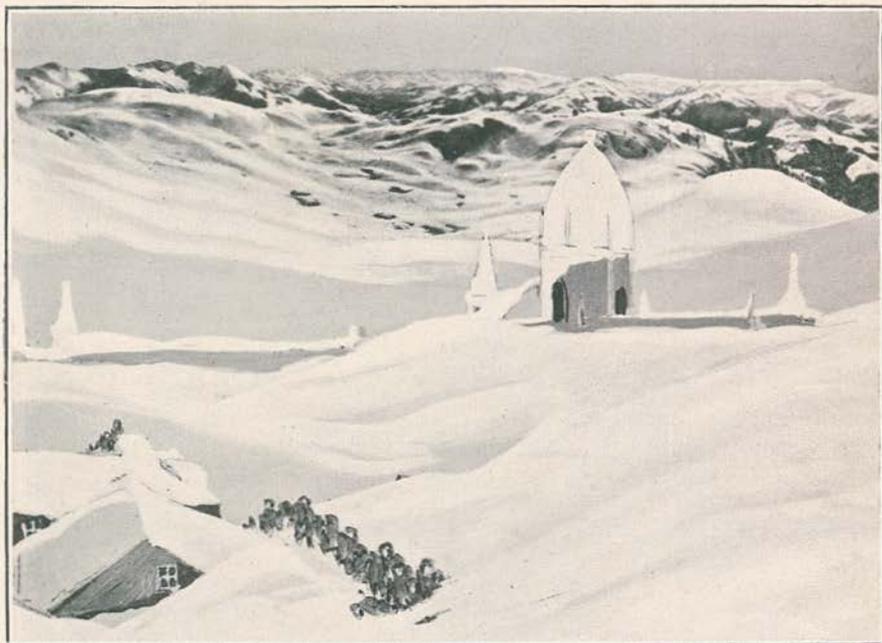
1, 2 e 3—Os mares começariam a congelar e a terra afogar-se-la n'uma atmosfera parda, plumbea

E assim a terra fonte d'epopeias, conforme a vaidade do homem o quer fazer acreditar, terá um fim terrível em que a todo o caso uma pontinha de comico se juntará. Imagine-se na hora do fim um conquistador terrível com o seu capacete reluzente e o seu cetro d'ouro, á frente d'inumeras legiões para vencer um povo pequeno e a neve começando a cair, a ter-



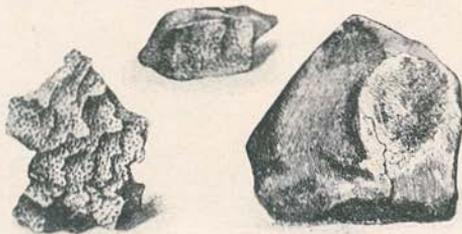
Uranolito caído no Mexico e que pesa 3950 g.^{ms} Luiz XIV.

se a terra abrasar-se-hia e ele—coitado verme imperador ou chefe—bem mesquinho diante da natureza, morreria feito em calda como um marmelo de que se quer fazer doce. A primeira hipotese ja o astrônomo de Bourges o disse, está para milhões d'anos, a segunda torna-se possivel dentro em pouco talvez ou pode ser que jamais. Em todo o caso o homem continuará sempre afiito a perguntar: —Para quando?! Para quando o fim do mundo. E nós, fleugmático estoicos, diremos como



ra a gelar, o astro, a arrefecer-se, a treva a nascer enquanto ele não vendo mais o inimigo ameaça as alturas de punho erguido esperando que passe o eclipse. No caso contrario quando a sua voz mais soasse impavida e forte e quando o seu olhar mais coruscante fusilas-

Sob a camada espessa da neve as catedraes e as grandes casas ficariam soterradas.

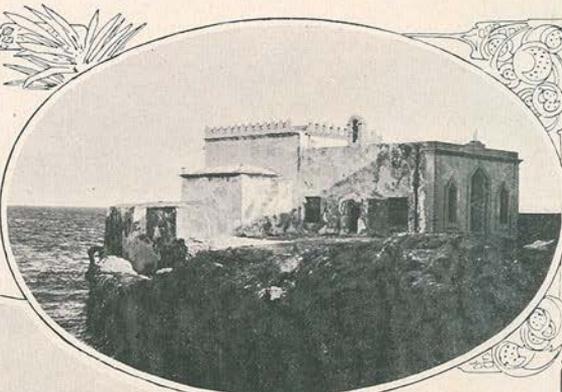


Varios aerollitos

Aprés nous le déluge! Que é como quem diz a neve ou o calor pouco importa quando se está já dormindo no seio d'essa terra que vae gelar como um sorvete ao fundirse como uma pasta de chocolate.

A ILHA DE MOÇAMBIQUE

E' uma terra baixa, plana, arenosa e assente sobre rocha, onde a vegetação pouco medra por causa dos ventos que a queimam e da grande falta de agua. A agua de Moçambique é a das chuvas que se deposita em cisternas e que por vezes tem faltado para o consumo da população.



ção com o distrito e onde navios pequenos e lanchas vão levar carregamentos d'outros portos da costa para trasbordo de navios grandes que os levam para os mercados da Europa.

O commercio é já importante, embora muitissimo tenha ainda por onde se desenvolver.

A população europeia não é grande e a vida é á maneira da de todas as pequenas cidades coloniaes. Juntam-se á noite os conversadores na loja Hoffmann para cavaquear, ou num club que ha na cidade; e para variação d'este divertimento tem a distração da chegada dos vapores. De vez em quando ha um espetaculo de curiosos.

O maior festejo que ali se costuma rea-

Foi Moçambique um centro prospero por algum tempo, mas que começou a decair logo que os navios estrangeiros fôram piratear na costa.

Hoje Moçambique é a segunda cidade da provincia. E' o porto por onde se faz todo o commercio de exportação e importa-



1. Capela de Nossa Senhora do Baluarte.—2. Forte S. Lourenço n'uma ilhota do ponto S. O. da ilha.—3. Secretarias do comando da praça. Alguns officiaes dando de comer aos pombos.



lisar é o do aniversario da Republica, geralmente com regatas, corridas, tiro aos pombos, etc.

Defronte da ilha, no continente, está a povoação do Mossuril, séde da capitania mór do mesmo nome e d'uma companhia indigena d'infantaria.

Esta povoação é o centro do comercio para algumas linhas de penetração e está bastante desenvolvida. Está também aformoseada com ruas bem traçadas e espaçosas, e os edificios do Estado são bons e elegantes. Este aformoseamento deve-se ao capitão-mór sr. José Augusto da Cunha, capitão de infantaria, que muita vontade tem mostrado no seu desenvolvimento.

Tem a ilha de Moçambique varios monumentos entre os quaes sobresaie pela sua grandeza e tradição a fortaleza de S. Sebastião. Nesta fortaleza está hoje a Companhia Disciplinar e o Deposito de Sentenciados.

Entre muitos monumentos tem para mim uma singular simpatia a capela de Nossa Senhora do Baluarte.



Não se conhece a data da construção d'esta capela, mas deve ser coeva ou anterior á fortaleza. A aboboda da linda capela é perfeita e o peristilo é de construção muito mais moderna. Ha varias sepulturas dentro da capela e do peristilo todas com inscrições e brazões d'armas.

Está esta pequenina capela assente sobre os rochedos da ponta N. E. da ilha, exteriormente á fortaleza de S. Sebastião.

Serve de ultima morada a homens, heroes, gigantes, que tendo passado a vida lutando e vencendo o mar, ali foram repousar eternamente, e como desafiar ainda de dentro dos seus tumulos as indomitas aguas do Indico.

E as ondas lá vão quebrar-se de encontro áqueles rochedos como a quererem prestar também eternamente uma grande homenagem áqueles que lá descansam e que não tiveram eguaes no mundo.

LUIZ FRANCO.



1. Em Mossuril: a Instrukção de soldados africanos da 8.ª companhia d'infantaria.—2. Monumento no Campo de S. Gabriel e que foi a sepultura de Pero Camelo Pereira e sua esposa D. Violante de Sousa.—3. Lanchas partindo do caes do quartel em Mossuril.

Os sobreviventes do BANDO TRAGICO

O bando de Bonot deixou alguns associados que conseguiram escapar-se á ação da policia até ao momento em que pretenderam renovar suas as proezas. Os principais individuos d'esse bando chamavam-se Videmart, Kasan e Villers tendo começado as suas explorações exatamente como os seus companheiros mortos na guilhotina, pelo roubo d'um automovel no qual pretendiam realizar varios atendidos em Paris, arredores e diz-se que mesmo na fronteira belga.

O veiculo roubado enquanto o *chauffeur* fóra beber a um *bar* proximo da casa onde se realisava um concerto, pertencia a

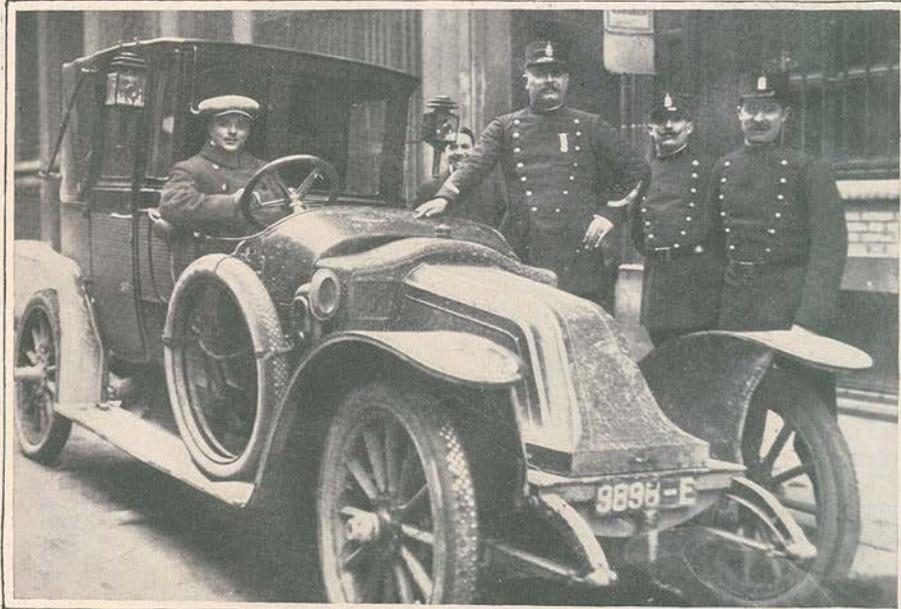


mr. Gencer. Quando ao cabo de muitas voltas para despistarem a policia os bandidos se viram sem essencia para continuarem a sua jornada abandonaram o carro proximo d'um local chamado Lillas.

Um carvoeiro avisou do caso a policia dando-lhe os

sinaes dos individuos que o conduziam e que dentro em pouco foram capturados.

Dispu ham-se, segundo a sua confissão, a operarem alem da fronteira belga ao mesmo tempo que outros procederiam em França lançando assim a confusão no espirito das duas policias.



1. Os bandidos do bando Bonot, que roubaram um automovel para irem á Belgica continuar as explorações que a quadrilha fez em França.—2. O automovel roubado.—(«Clichés» Archives du Miroir).

O Canal do Panamá

Consequencias mundiaes
da sua abertura

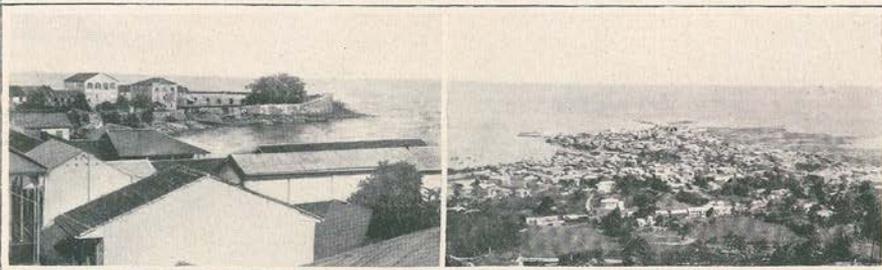
Dentro de curtos mezes vae operar-se o mais importante acontecimento do seculo XX: abrirá á navegação o Canal do Panamá. Terá afinal realidade o grande sonho de Fernando Lesseps. E poder-se-ha começar a construir na região istmica a verdadeira capital do mundo, como profetisou Bolivar.

Duas companhias francezas haviam primeiro tentado rasgar o canal: mal succedidas ambas, a ultima não duvidou vender por 40 mil con-



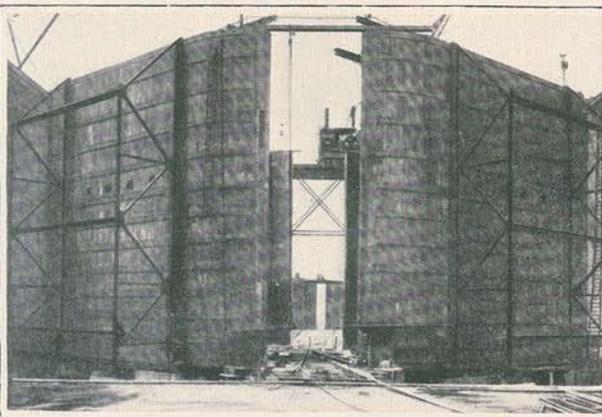
os Estados Unidos, praticos sempre, haviam obtido da joven Republica do Panamá a posse de uma zona de 8 quilometros a toda a extensão e p'ra cada um dos lados do canal.

Depois, em 7 anos, os americanos sanearam a região pantanosa do istmo, rasgaram o monte Culebra, de 300 metros de altura, construíram o lago artificial de Gatun, para regularizar as aguas torrencias do rio Chagres,— n'uma palavra, fizeram sob a direção de Goethals, o canal, em tres planos, com compor-



1. Como se liga mais o mundo rompendo um istmo.—2. Panamá em 1886.—3. Atual cidade.

tos a concessão aos Estados Unidos, que em 1907 recommçou as obras. Foi então que um exercito de 30 a 35 mil operarios tratou de romper 91 quilometros de istmo, com aquela tenacidade e energia que caracterisam os americanos. Antes já, por artes diplomaticas,



tas eltricas, que permitem subir os navios 30 metros acima do oceano. Acompanham os navios, para os manterem no eixo do canal, 4 locomotivas. A travessia faz-se no maximo de 12 horas. O canal está já em perto de 7 milhões de contos—, isto é, 8 mil

Algumas das comportas em Gatun

contos por quilometro. Custou incomparavelmente mais caro que o de Suez, onde, por esta distancia, apenas se dispenderam 800 contos.

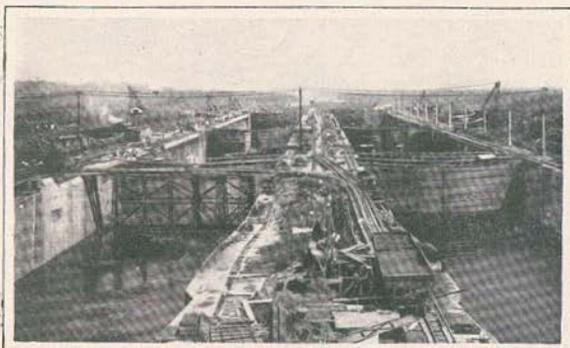
O canal deve ter enormes consequencias militares e economicas p'ra os Estados Unidos. Na fortificação da zona já eles gastaram 14 mil contos e na guar-



A região de Culebra atualmente

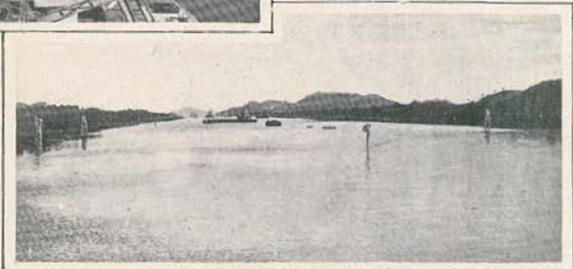
penhar o papel que até aqui tinha a Inglaterra. O globo gravitará em torno de Panamá. Nova York transformar-se-ha no maior porto do mundo. O comercio da Inglaterra com a Austrália far-se-ha pelo canal, aproveitando aos Estados Unidos. A China, mais proxima, será um campo aberto á iniciativa americana.

O canal vendo na essencia uma separação, na pratica não passará de um traço de união entre as duas Americas. S. Francisco aproximar-se-ha do Rio de Janeiro, Nova York de Lima. De Anvers a Callao gastar-se-hão menos 17 dias; de Nova-York a Callao menos 28. E' economia de tempo é economia de combustivel. De Liverpool a Valparaizo o navio, que em vez de ir pelo estreito de Magalhães fór pelo ca-



O acabamento das comportas superiores de Gatun

nição puzeram um efetivo de 25 mil homens. Já estão construindo á entrada e saída do canal docas e depositos de abastecimento. Para ir da Europa ao Chili não será mais preciso tornear a Patagonia. Os Estados Unidos tornar-se-hão talvez o centro do comercio do mundo, vindo a desem-



O acabamento das comportas superiores. O canal do Panamá.



4. A junção do Atlantico e do Pacifico: 29 toneladas de dinamite fizeram saltar a ultima barreira em Gamboa.

nal do Panamá, economizará á roda de 9 contos de carvão. Os Estados-Unidos far-se-hão pagar com lisura a taxa de passagem no canal, e utilizarão para depositos ilhas grandes como Cuba e ilhotas como Pago-Pago. A Inglaterra servir-se-ha para o mesmo fim do arquipelago Cook e da Jamaica; a Alemanha do Haiti; a Holanda de Curaçao; a Dinamarca de S. Tomaz; e a França do arquipelago de Tahiti e das Antilhas. Resuscitarão as velhas colonias dormentes.

E Portugal poderá aproveitar Lisboa, o porto da Europa mais proximo do Panamá, e Ponta Delgada, porto de escala da linha de navegação que une Liverpool, Hamburgo ou o Havre com Nova York.



As águas do Chagres saltando pelos escoadouros das represas

E' lícito crer que, como no século XV, com as descobertas de Colombo, o centro de gravidade económica do mundo irá deslocar-se. Baratearão produtos comerciais.

O centro da civilização talvez troque Paris pelo Rio de Janeiro ou Buenos Aires.

Como Suez civilizou a Austrália, o Panamá civilizará a Ásia oriental. A Inglaterra e a Alemanha aliar-se-ão talvez, para fazer face ao perigo americano, aumentado com as vantagens económicas e militares que a abertura do canal dá aos Estados Unidos.

Para resistir a um tempo ao



A parte mais profunda da trincheira de Culebra



A escavação hidráulica na trincheira da Culebra

Oriente e ao Ocidente formão-se-ão na América as federações democráticas sonhadas por Jefferson.

As repúblicas latinas, na eminência de um choque com o mundo anglo-saxão, formarão um bloco.

E da fusão pode muito bem sair o renascimento.

Não ha privilegios eternos. Os fracos d'hoje são os fortes d'amanhã.

No Novo-Mundo é possível que inda surja um outro mundo mais novo, mais energético e mais audaz, que equilibre, contenha, ou esmague o Mundo-Velho.

J. SILVA
CORREIA

FIGURAS & FACTOS



Quando foi abolido o celebre tribunal especial das Trinas passaram a ser julgados pelos tribunaes marciaes todos os implicados em conspirações politicas de qualquer natureza entregando-se assim ao exercito a defeza moral das instituições.

Instalados no velho edificio de Santa Clara onde funcionavam antigamente só os tribunaes militares estão os juizes que tra-



OS NOVOS JURADOS DOS TRIBUNAES MARCIAES

1. Coronel de infantaria 1, sr. Joaquim Julio Borges, presidente do jurí.—2. Sr. João dos Reis Vitoria, tenente da quadro auxiliar.—3. Tenente d'engenharia, José dos Anjos.—4. Sr. Claudino de Brito, tenente de cavalaria.—5. sr. João Braz d'Oliveira, alferes de artilharia 1.—6. Sr. João Salgueiro Valente, alferes de cavalaria 4.—7. Sr. Guilherme Carlos Oom, alferes de infantaria 16.

tam destes processos politicos reunindo-se quasi diariamente para o julgamento d'esses casos frequentes.

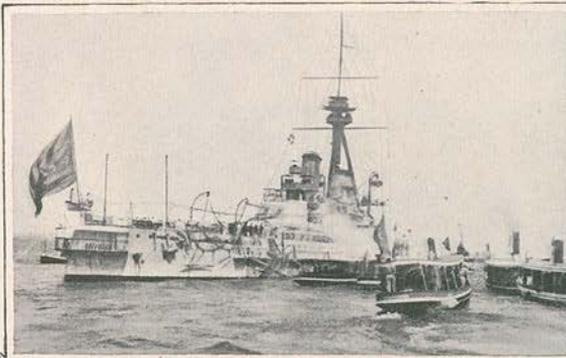
Foram nomeados ultimamente os novos jurados que devem julgar as causas afetas a essa instancia e entre as quaes estão os *complots* monarchicos e o movimento de 27 de Abril cujos presos, parece, ao que se diz, serão julgados na Trafaria.



8. Sr. Armando d'Azevedo e Silva, administrador da Cooperativa da Companhia dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, falecido em Faro.—9. O grande comerciante alemão Oswald Hoffmann, falecido em Lisboa.—10. Sr. Tancredo Samuel de Freitas Jenochio, guarda-livros e proprietario, falecido na Azinhaga da Fonte.—11. Sr. José da Silva Bessano, chefe telegrafo postal de Foscõa, falecido n'essa villa.

Depois da venda do couraçado *Rio de Janeiro* espalhou-se a noticia que o Brazil se ia desfazer dos seus dois *dreadnoughts* eguaes e reputados os melhores do mundo, o *S. Paulo* e o *Minas Geraes*.

A crise financeira que já se vae dissipando n'aquela repu-



blica, avolumava mais ainda o boato a que se deu credito em algumas chancelarias. Seria a Turquia a potencia que compraria essas belas unidades navaes que lhe dariam a supremacia sobre os seus adversarios. O Brazil desmente terminantemente essa noticia.

O couraçado *S. Paulo* que como o *Minas Geraes* constou que seria vendido á Turquia o que foi desmentido pelo governo brasileiro.



1. Sr. Faustino Cardoso, proprietário falecido em Lisboa.—2. Sr. Raul Joaquim d'Almeida distinto pintor, falecido em Lisboa.—3. Sr. Manuel Joaquim Henriques, falecido em Leiria.—4. Sr. Julio de Matos Sobral Cid, quintanista de medicina, falecido em Coimbra.—5. Sr. Antonio Joaquim Ferreira, maquista naval reformado, falecido em Lisboa.



O illustre poeta Manuel Duarte d'Almeida, falecido no Porto.

O sr. Francisco Carlos Parente é um distintissimo arquiteto e pertenceu á comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa cuja actual vereação o encarregou agora

Manuel Duarte d'Almeida foi um grande poeta amante estremecido da côr e do som e como Leon Dierx e Stephane de Mellarmé inacessível ao grande publico sempre incapaz de compreender a arte pura.

O general Elvas Cardeira foi durante muitos anos chefe do estado maior da 1.ª divisão militar; foi tambem ministro da guerra no gabinete Wenceslau de Lima e commandava actualmente a 7.ª divisão militar.



O general Elvas Cardeira recentemente falecido em Tomar



interinamente do commando do corpo de bombeiros vago em virtude da sindicancia a que estão sujeitos o antigo commandante e vice-commandante.

O sr. Francisco Carlos Parente novo commandante interino dos bombeiros municipaes ◊ no dia em que tomou posse d'esta corporação. Estão all alguns membros da vereação e o vereador dos Incendios sr. Abel Sebrosa.—(Clichés Benollet)

A matança do Porco

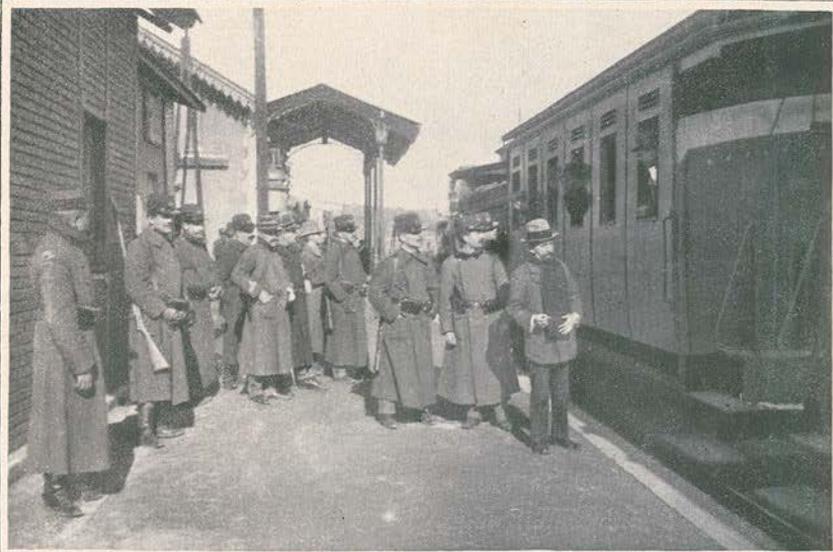
Uma leitora de Serpa diz-nos que a matança do porco descrita no penultimo numero da *Illustração*, não concorda em alguns pontos com o que se faz aqui e em geral no Alemtejo. E tem razão, como se prova até pelos *clichés*, tirados aqui, que acompanharam o artigo descrevendo a matança como se faz nos Açõ-



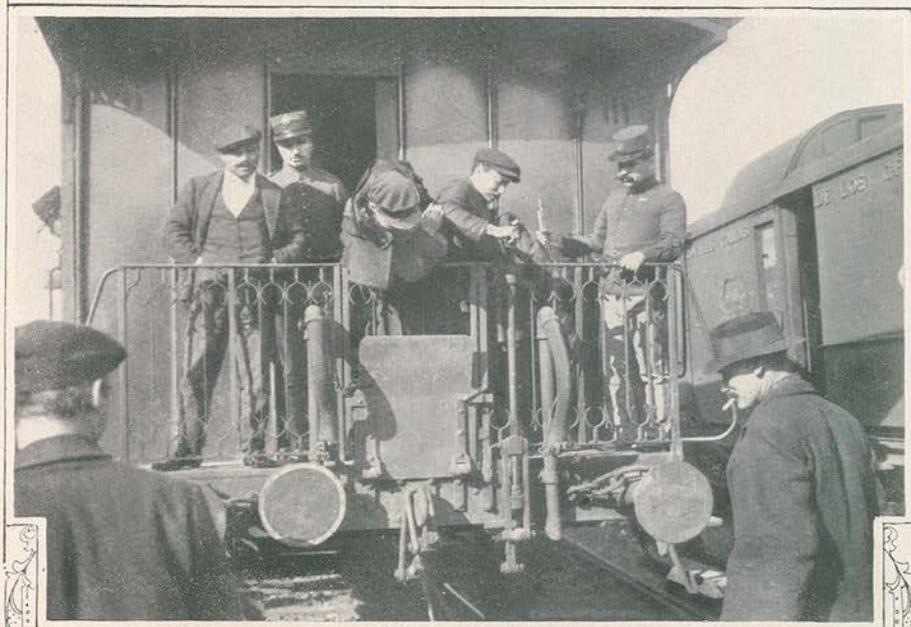
mesa, pendurase pela cabeça e se põem as cebolas a grelar para as morcelas. Se esta maneira de o dependurar enxuga melhor os tecidos, não sabemos. Que as morcelas ficam mais saborosas, mas muito mais, com os grelos tenros da cebola, é o que não sofre duvidas, como a leitora amiga pôde verificar es-

res. Lá é que se abre o crevendo esta no livro das suas receitas.

A grève dos ferro-viarios



A Guardia Republicana na estação de Campolide



Os grévistas travando as carruagens depois de as desatrelarem.

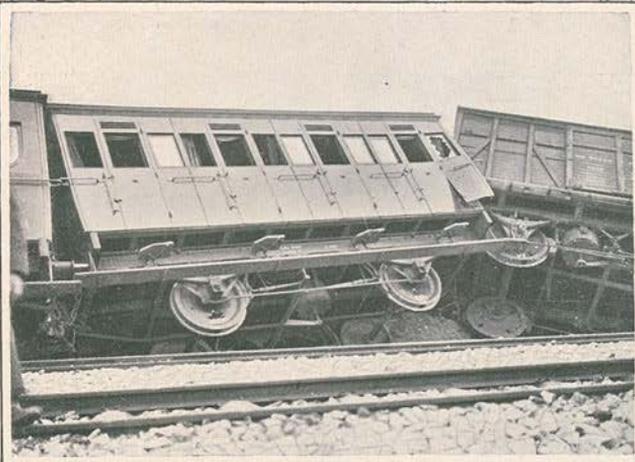


Os grevistas desatrelando as carruagens da maquina em Campolide.— («Clichés» Benoliel)

A greve dos ferroviários tomou vários aspectos mantendo-se todavia na mesma atitude de reclamações os empregados da companhia que pelo seu lado buscou arranjar meio de levar alguns comboios até ao Porto, embora á custa de esforços sem par.

A primeira defeção que se deu na greve ferro-viaria foi a do pessoal da estação d'Aveiro que consentiu em organizar um comboio pensando-se logo depois em o trazer a Lisboa a fim de mostrar a inanidade da teima dos grevistas em se manterem na mesma intransigencia.

Dentro em pouco outros comboios se punham em movimento do Porto para



Lisboa e dagaredo Rocio para aquela cidade levando alem de experimentados maquinistas e engenheiros, soldados da guarda republicana para fazerem a defeza do comboio no caso de ser atacado em qualquer ponto da linha. O que saiu de Lisboa, ao chegar entre

Povoa e Sacavem, descarrilou ficando as carruagens voltadas e algumas pessoas feridas, entre elas o empregado da ambulancia dos correios que, quando o comboio tombou, recebeu sobre o pe to todo o pezo das malas volumosas que iam na carruagem.

O comboio que vinha do Porto sofreu tambem um desastre na linha paralela e a



1. O comboio que vinha do Porto e descarrilou entre Sacavem e Povoa em virtude dos estragos da linha. — 2. O capitão d'engenharia sr. Severino de Moraes dando as suas instruções ao alferes sr. Móra que conduziu uma das maquinas do Entoncamento a Lisboa.

taforma giratoria do Entroncamento. As comunicações telegraficas foram restabelecidas e dentro em pouco a Companhia teve a noticia de que setenta estações estavam prontas a funcionar algumas com todo o pessoal outras com o suficiente para o serviço não sofrer. Restabeleceu-se então um serviço lento, cauteloso, de comboios tanto para o norte co-

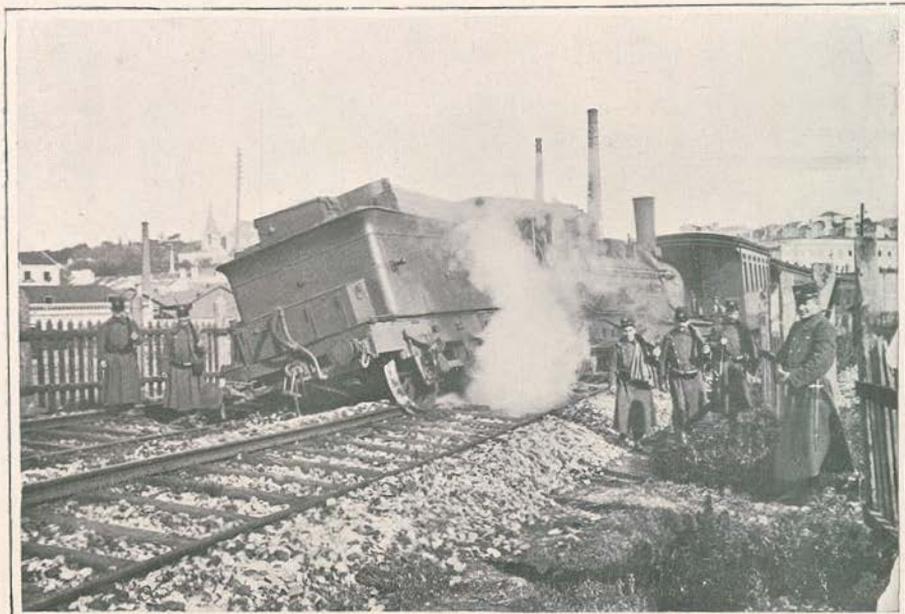


pouca distancia do que primeiro descarrilara a locomotiva que saiu para Cascaes conduzindo alguns empregados da Companhia e soldados tambem descarrilou em Alcantara, ficando um dos engenheiros ferido nas mãos.

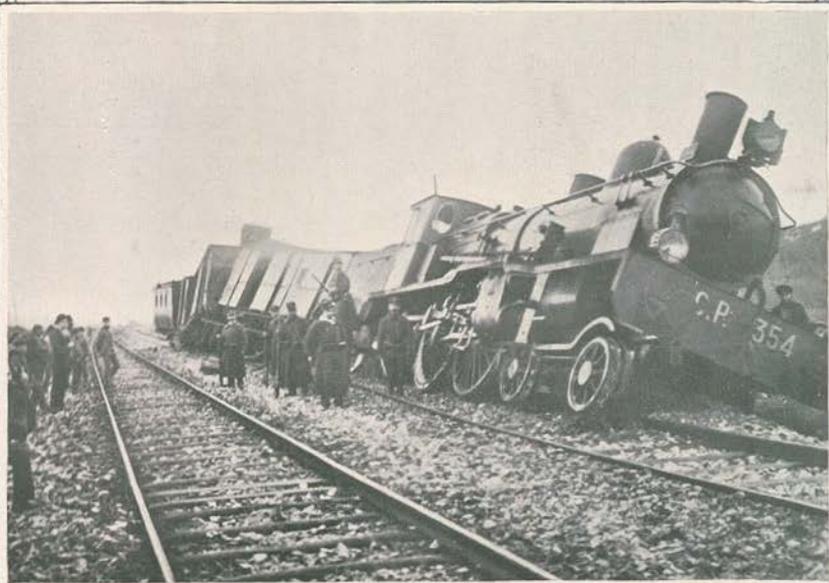
Alguns soldados de engenharia foram empregados na condução de comboios assim como os officiaes que vieram chefiando as maquinas. Ao mesmo tempo faziam-se concertos nas linhas onde se tinham praticado atos de *sabotage* como por exemplo na pla-



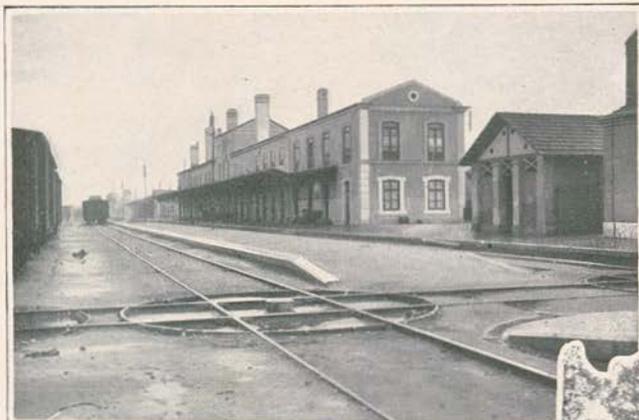
1. Durante a greve na estação de Campolide: a guarda republicana aquece-se.—2. Os officiaes da guarda republicana e fiscal que comandavam as forças de Campolide.—3. A distribuição de café e aguardente aos soldados durante a greve em Campolide.



A maquina descarrlada em Alcantara.



O comboio 354 descarrlado em Sacavem por avarias na linha.



A estação do Entroncamento abandonada.

mo para Cascaes e Cintra sendo as linhas atentamente vigiadas.



Uma maquina do comboio que devia conduzir tropas para Irem fazer reparações na linha do leste

Os empregados do caminho de ferro do sul e sueste reunidos em assemblea deliberaram prestar todo o seu auxilio moral e material aos seus companheiros grévistas e dentro em pouco outras classes se manifestaram no mesmo sentido destacando-se a dos chauffeurs e dos fragateiros n'uma solidariedade que foi seguida.



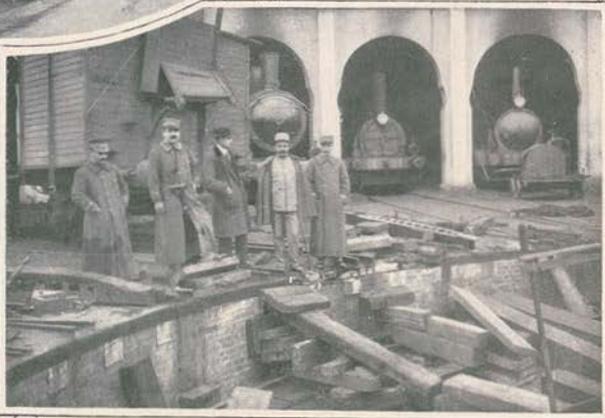
Alguns ferro-viarios encontrados perto das linhas danificadas foram presos não lhes valendo as comissões de companheiros que telegra-



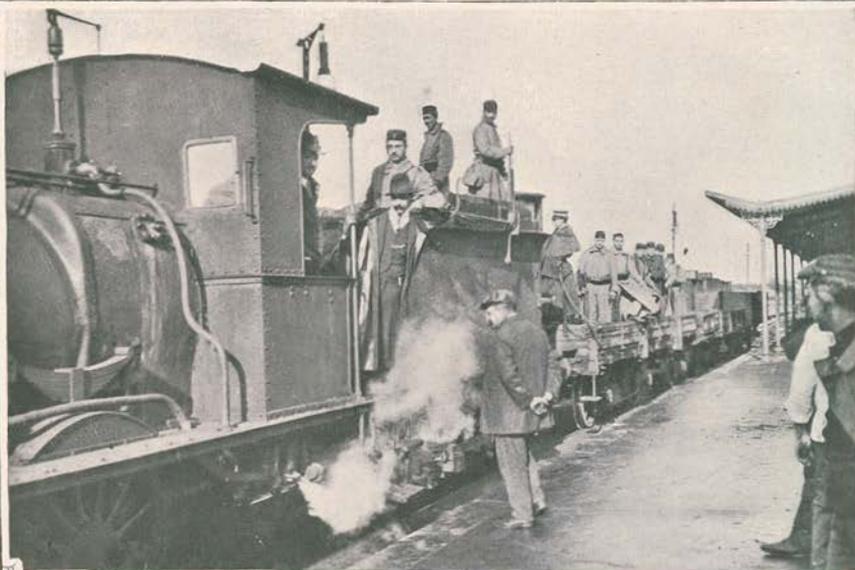
Concerto de postes telegraficos pela engenharia no Entroncamento.

faram e procuraram as diversas autoridades a fim de obterem que fossem postos em liberdade.

Os grévistas reuniram



Uma placa giratoria destruida no Entroncamento



O comboio com soldados de engenharia a caminho da linha de leste.

numero de cento e quarenta e conduzidos para o quartel dos Loios onde ficaram até de manhã

Foram depois postos em liberdade todos á excepção de dez tidos como chefes da gréve e do escriptorio sr. Antonio Vasques que ficou incomunicavel.



O capitão sr. Severino de Moraes com a companhia destinada a reparação de linhas.

na séde do seu sindicato, no largo da Rosa, a fim de deliberarem ainda sobre a sua attitude e dentro em pouco por ordem do governador civil algumas esquadras de policia, companhias e esquadões da Guarda Republicana cercaram o logar da reunião e imediatamente foram presos os individuos que ali se encontravam em



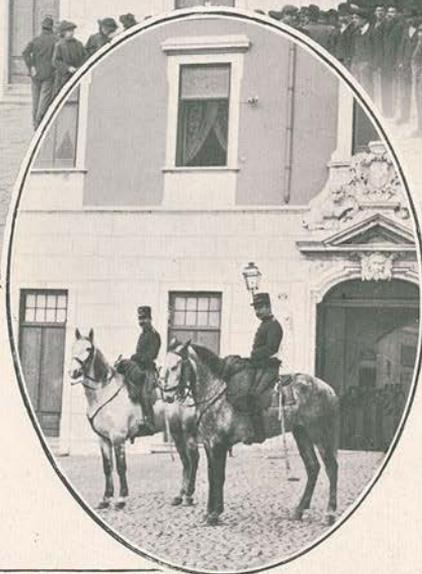
Depois do ranchô da engenharia no Entroncamento.



1. O palácio do marquez Ponte de Lima, onde é a sede do sindicato ferro-viário, antes do assalto

Ao mesmo tempo como protesto outras classes operarias declararam-se tambem em grève sendo das primeiras a dos metalurgicos e da construção civil e tentando-o sem resultado os compositores e impressores tipograficos d'alguns jornaes.

Lisboa apresentava um aspeto agitado vendo-se muitos grupos por toda a parte a discutir os acontecimentos ao mesmo



2. A sede do sindicato ferro-viário depois do assalto.—3. A policia na sala das sessões do sindicato. (©Glichés Benoit)



tempo que se procurava restabelecer por completo a circulação dos comboios.

Começava a notar-se a falta d'alguns generos havendo tambem o receio de que escasseassem a agua e o gaz em virtude d'uma annunciada grève que não se deu.

Figuras e Factos



1. O general Po'avleja da casa militar de Afonso XIII, falecido em Madrid.—2. Sr. Ernesto da Silva, proprietário e diretor do Albergue dos invalidos de Trabalho, falecido em Lisboa.—3. Sr.^a D. Pulqueria Elvira Cordon Lobato Pires, viúva do major do exercito ultramarino sr. Alvaro Antonio Lobato Pires e sogra do Inspector das officinas da Imprensa Nacional sr. Gregorio Fernandes, falecido em Lisboa.—4. O Sr. Francisco Fernandes Porto, distinto mestre d'obras, sogro do deputado sr. Luiz Derouet e falecido em Lisboa.—5. Sr. Emilio Galoso Barata, empregado publico falecido em Lisboa.—6. Sr. Joaquim Pereira Carvalho, proprietário, falecido em Gouveia.



7. Sr. Francisco Avelino Peres Trancoso, autor do livro «As radiações ultra violetas e Infra vermelhas».—8. O poeta Mariano Graças, autor do livro «A Biblia do Amor. 9 e 10. Srs. Rocha Junlor e Oldemiro Cesar, autores do livro de critica «O Teatro em Pralda».

A tuna de Santarem composta por distinctissimos amadores representa um elemento de grande valor artistico n'aquella cidade onde é muito querida e apreciada.

Ultimamente visitou a escola agricola regional sendo recebido galhardamente pelos professores e alunas da gentileza da

nos que muito agradeceram a lembrança.



A tuna da Associação dos Empregados de Comércio de Santarem, professores e alunos da Escola Agrícola, no dia da visita feita a este estabelecimento modelar.—(Clichê do distinto amator sr. Carlos Gomes)



1. Sr. dr. Rafael Carreira d'Araujo, falecido em Mangualde.—2. Sr. Antonio Joaquim Branco, falecido em Evora onde era muito conhecido.—3. A atriz Izabel Barberá, falecida em Lisboa.—4. Sr. Adriano Meunier distinto engenheiro, falecido em Lisboa.—5. Sr. José Antonio Carneiro tesoureiro do Banco do Montijo, falecido em Evora.

Um grupo de amigos do distinto e malgrado jornalista sr. Luiz de Ataíde promoveu uma manifestação de saudade ao coval onde jaz no Alto de S. João tendo enaltecido as qualidades do finado os



seus colegas srs. Jorge Gonçalves e Souza Junior além d'outros individuos, sendo tambem depositas muitas flores sobre a sepultura do infeliz secretario da redação das *Novidades*.



6. Na manifestação funebre ao distinto jornalista Luiz de Ataíde promovida por um grupo de colegas ao seu coval do Alto de S. João.—(«Clichê» de Benoitel)

todos os motivos utilissimo. O primeiro paquete que faz esse trajeto é o *Kleist* de que são agentes em Lisboa os sr. Lane os quaes visitaram o belo barco acompanhando o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Foi organizada uma carreira directa de Lisboa para Macau que sendo uma das nossas mais belas e longiquas possessões carecia d'este meio de comunicação rapido e por



Este melhoramento é digno de todo o elogio sendo vantajosissimo mesmo como condições de preço segundo o contrato firmado, garantindo-se assim não só uma melhoria de passagens para funcionarios e militares, mas tambem um admiravel serviço de correo.

7. O vapor «Kleist» que inaugurou as carreiras directas de Lisboa a Macau.
8.—Os agentes da companhia Norddeutscher de Bremen; srs. Lane e seus filhos Daniel e Guilherme a bordo do «Kleist» («Clichês» de Benoitel)

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Seda
Suissa

franco
de porte a domicilio.

Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Pedram as nossas amostras franco.

Schweizer & Ca., Lucerne E 12
(Suissa)

Roses d'Orsay

Evoca o perfume da flor
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA



Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-REIRA & C.ª - COIMBRA

Vê-se representantes em todos os concelhos



Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPO SABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** 48
Numero telephonic: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, occupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, sauz, ortu, amor, correspondida, ganhar aos jogos e loerias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuzes, do professor YTALO, 35, Boulevard Bonne-Noub-He, 35 - P A I.

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

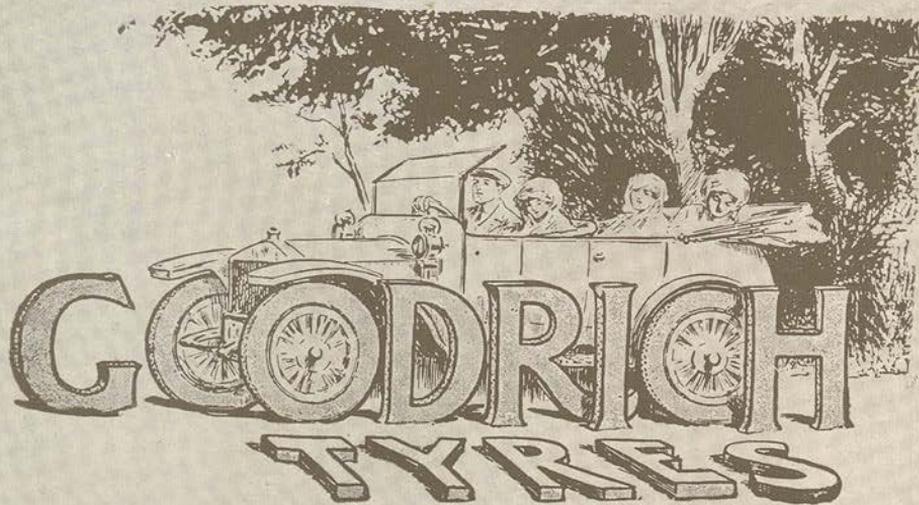
Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Composição e Impressão

ZINCOGRAVURA E FOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo—o de tricromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. **STEREOTIPIA** de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da ILUSTRAÇÃO "PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo 43-LISBOA



E' O PREFERIDO PELO VERDADEIRO SPORTSMAN

Todos os automobilistas que teem experimentado

o

Pneu Goodrich

não querem mais outra marca

porque a sua **QUALIDADE**

justifica a sua devisa

SUPERIOR ao MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.da, Rocio - LISBOA

ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa

Marta - LISBOA

MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, 11 - PORTO

ANTONIO FERNANDES & FILHOS - COIMBRA

SIMÕES & FLORIVAL - EVORA

ZENHA & C.^o - BRAGA

JOSÉ MARIA DIONIZIO JUNIOR - VIZEU

AUTO GARAGE GOUVEENSE - GOUVEIA

AUTO GARAGE - COVILHÃ

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES - ELVAS

COELHO & BRANDÃO - VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Rua 1.^o de Dezembro, 82, 2.^o - LISBOA